

Prólogo

Barbary Coast, San Francisco, 1880

— Deixe minha mãe em paz, seu miserável em forma de gente! — uma voz de criança ralhou da porta. — Não pode ter a minha mãe agora — a menina ordenou ao adentrar o quarto num rompante.

Uma mulher havia acabado de morrer no seu catre imundo de meretriz, envolta pelo odor do sexo.

Os ferrenhos olhos negros da menina encaravam Solomon Wolfe, ajoelhado ao lado da irmã, Fancy. Ela jazia morta em sua pequena cama, e ele estava hipnotizado pelo passado, pelo que ela lhe revelara. Ele segurava a mão frágil, a morte esfriando-lhe as veias. A criança de seis anos afastou a touca gasta que lhe cobria os cabelos e empunhou uma adaga retirada das vestes.

— Deixe minha mãe em paz, filho do demônio, ou acabo com você! Tenho amigos esperando um sinal meu. Vamos retalhá-lo e alimentar os tubarões da baía com seu membro, ou vendê-lo para a feiticeira de vodu... Não se preocupe, mãe. Eu a protejo — ela disse, a língua escorregando por entre o vão de um dente caído.

— Garnet? — Solomon perguntou com doçura. Aquela era a criança que ele prometera criar.

Pensou em Fancy com a mesma idade, animada com a proximidade do Natal. Fancy deu de herança os olhos negros à filha...

Garnet passaria a manhã de Natal enterrando a mãe.

Ela puxou as calças largas para cima e limpou o nariz com a manga.

— Sou eu mesma, Garnet. E essa que dorme é minha mãe, isca de peixe, deixe-a em paz. Ela não está disposta para trabalhar. Sou eu quem tem cuidado dela; não me importo quanto dinheiro você tem, não vai ficar com ela agora. Saia. — A mão suja da menina cutucou o rosto de Solomon com a faca. — Solte a mão dela. Não tente enganá-la com palavras doces. Não vai funcionar.

Da rua abarrotada logo abaixo ouviam-se os chamados das prostitutas, dos marinheiros embriagados que respondiam, os gritos de apostas e a música dos *saloons* onde um homem facilmente poderia perder a alma. Às sete da noite, a vida apenas começava no infame bairro de Barbary Coast.

Solomon cuidadosamente apoiou a mão frágil e sem vida de Fancy

sobre o abdômen. Levantou-se, com o peso dos anos e da vida dura encurvando-lhe os ombros, próximo à menina. Aquela era a filha de Fancy, aquela que ele jurara criar num lugar decente com luz do sol e muitas flores silvestres.

Poucos minutos antes apenas, o sussurro exausto de Fancy contou como ela tinha ido parar no Barbary, como tinha sido vendida para a indústria do sexo. Deitada em seu catre sujo, doente, usada, ela ainda tinha alguns traços da linda irmã de quem Solomon se lembrava e por quem ele passara anos procurando.

— Disseram-me que você tinha morrido — ela sussurrou, com os olhos rasos d'água, carregados com o medo da morte. — Duncan me vendeu para um bordel após o outro.

Durante anos Solomon acreditou que a irmã estivesse morta, isso porque ela não queria que ele descobrisse no que havia se tornado.

Fancy era a mãe de uma garotinha maltrapilha que o ameaçava com uma faca e o encarava cheia de incertezas. Ele sofria, lembrando-se de Fancy quando criança; ela tinha sido exatamente como Garnet.

— Garnet, sou o irmão de sua mãe. Seu tio.

Garnet estreitou o olhar na direção dele e vislumbrou a arma gasta no cinturão preso baixo nos quadris.

— Minha mãe teve um irmão, mas ele está morto. Estou cheia de tios. Importantes até, não atiradores velhotes como você. Olhe só para você... Com buracos nas botas e nenhum dente de ouro. Que tipo de homem não tem um dente de ouro no Barbary? Vá embora, deixe minha mãe em paz. Faça isso ou vai se arrepender. Procure Ella. Diga que foi Garnet quem a indicou, isca de peixe. Eu ganho comissão pelas indicações.

— Eu não morri. Sua mãe queria que eu tomasse conta de você, assim como eu cuidei dela — Solomon disse, devagar.

Mas não tomou tinha cuidado direito, tinha? Estivera ocupado demais se mostrando para uma mulher casada, mostrando como era implacável na fronteira de Montana. E então Fancy sumiu e ele passou anos à sua procura, acreditando que ela pudesse ter morrido, mas, por fim, a encontrara.

E só tiveram duas horas juntos antes de sua morte.

— Mamãe sabe que sei cuidar de mim mesma. Faça isso desde pequena. Veja só.

Garnet esvaziou um saco de moedas de ouro, fichas de apostas e carteiras na mesa vacilante cheia de frascos de láudano para Fancy. Ela jogou uma moeda na direção de um rato que corria para se esconder num buraco; as imprecações que soltou eram dignas do mais infame

marinheiro do Barbary Coast. Depois passou a mão pela coleção de relógios, carteiras e moedas espalhadas.

— Está vendo? Consigo pagar pelos remédios que mamãe precisa.
— Parou e fungou alto. — Que cheiro é esse? O que é? Sabonete? Um maldito sabonete! — exclamou ultrajada.

Tropeçou na bacia que Solomon havia usado para limpar Fancy. E, porque sua moribunda irmã lhe pedira, usara em seguida para fazer a barba, uma vez que ela desejava ver seu rosto barbeado.

Garnet espiou a água suja e se inclinou para cheirá-la. Depois girou com a adaga em punho.

— Trouxe sabonete para cá e o esfregou na minha mãe? Agora sim, é que ela vai ficar doente, seu paquiderme! Não sabe que sabonete mata as pessoas? — ela ralhou.

— Sua mãe não vai mais precisar de remédios — Solomon disse, baixinho, sentindo a emoção fechar a garganta. — Deixe que eu a leve para algum lugar para depois eu poder cuidar de sua mãe.

Os olhos da menina se arregalaram ao olhar para a mãe.

— Mãe?

O som entrecortado estraçalhou o coração de Solomon. Muito tempo atrás, Fancy havia chorado a morte dois pais, assassinados pelas flechas dos *blackfoot*, da mesma maneira sentida. Ele se lembraria daquele som para sempre. Perguntou-se quando foi que havia pensado em religião pela última vez, ou em qualquer outra coisa que não fosse a sobrevivência.

Naquela instante a filha de Fancy precisava dele, e ele procurava um modo de confortá-la. Por ter tido pouco afeto na vida, ele se lembrou das palavras de um ancião ditas a Fancy. As palavras saíram inflexíveis por entre seus lábios:

— Ela foi para o céu, Garnet.

Garnet se lançou sobre a cama estreita da mãe, sacudindo-a.

— Mãe! Acorde, mãe!

A mão sem vida de Fancy escorregou na direção do chão.

— Mãe! — Garnet gritou ainda mais alto, alarmada, sacudindo-a com força.

Solomon se lembrou das mãos de Fancy segurando pintinhos com a expressão luminosa e inocente. Seu coração se confrangeu; as cicatrizes que o envolviam racharam por um instante. Desejou ter as flores de Montana para oferecer a Fancy. Apoiou uma mão sobre o ombro fino de Garnet.

— Vamos, Garnet. Vou levar você para algum lugar para poder cuidar dos preparativos para a sua mãe. Quem você conhece?

Ela se desvencilhou.

— Conheço muito bem homens como você à procura de garotinhas. Não vou a lugar algum com você. Mãe...?

Solomon exalou um suspiro. Já presenciara mulheres e crianças chorando, homens crescidos lamentando amores perdidos, mas nunca oferecera conforto. Não sabia fazer isso. Um pistoleiro envelhecido só sabia fazer uma coisa: sobreviver. Como poderia criar a filha de Fancy?

Havia prometido fazer isso em seu leito de morte. Cuidaria bem de Garnet, quer ela quisesse isso, quer não.

Pisadas fortes ecoaram na escada e homens praguejaram antes de a porta ser escancarada.

— É ela! A fedelha da prostituta que pegou o nosso dinheiro! — Um homem barrigudo entrou na frente de outros dois, mais magros.

Solomon se virou, devagar, a pernas afastadas numa posição típica de pistoleiro, desejando que sua velocidade garantisse a vitória mais uma vez. Os homens atrás do barrigudo eram profissionais, os olhos frios e insensíveis. Solomon conhecia aquele olhar; era idêntico ao seu.

Apoiou a mão no cabo da Colt e respirou fundo. Os homens eram mais jovens, provavelmente mais rápidos, mas talvez não fossem tão experientes. Um tiroteio nem sempre era vencido pelo mais veloz.

Os pistoleiros, em suas roupas reluzentes, e o barrigudo pararam na soleira. Solomon permaneceu parado diante do corpo da irmã e da sobrinha que chorava.

— Minha irmã acabou de falecer. Esta menina é minha sobrinha. Precisarão passar por mim para pegá-la.

Os soluços sentidos de Garnet continuavam, mas Solomon se concentrou nos olhos dos homens. Esperou que eles fizessem o primeiro movimento.

— Podem pegar o que está em cima da mesa. Peguem e saiam... Ou me desafiem — ordenou, tentando não se distrair com os soluços da sobrinha. Ela precisava que ele estivesse em seu auge para protegê-la. Por isso concentrou-se nos três homens logo adiante.

— A menina é uma ladra — disse o barrigudo, o queixo rotundo espalhando-se por sobre o colarinho engomado. — Ela acabou de sair do meu estabelecimento, e os fregueses não têm como me pagar agora. Ela entra e sai tão rápido que mal a vemos. Engatinhou por entre as pernas do *barman* e fugiu por um buraco no chão.

— Ela fica comigo — Solomon disse, baixinho.

— Olhe para o ferro que ele carrega... Ele é um atirador — um dos pistoleiros sussurrou. — Chefe?

— E parece com Kipp Knutson — o outro observou. — Mesma altura... O jeito de encarar e o olhar de desafio. Mas Kipp deve ter uns dezoito, vinte anos.

Solomon não demonstrou reação alguma, mas a menção do nome Knutson o fez recuar vinte anos no tempo, na época dos ranchos de gado na fronteira do território de Montana.

— Conhece Kipp Knutson? — um dos homens insistiu em saber. — Vocês dois se parecem. Eu o vi num barco no rio St. Louis. Ele recebeu para se apresentar num espetáculo de tiro. Mas claro que ele se vestia melhor.

Solomon se recusava a conversar. Uma distração poderia custar caro, e ele era a única proteção de que sua sobrinha dispunha.

— Enfrentem-me — ele disse — ou saiam. A menina fica comigo.

O barrigudo olhou para a menina que chorava e caminhou até a mesa. Pegou as moedas, as fichas de jogo e as carteiras.

— Fique com ela. É bem-feito. Você tem até amanhã para esvaziar essa cama. Tenho uma nova garota chegando para trabalhar. Se eu voltar a encontrar essa menina no Barbary Coast, quebro o pescoço dela.

Solomon assentiu e observou a partida dos homens, perguntando-se como um pistoleiro cansado como ele poderia lidar com uma menina de seis anos de idade. Já cuidara de crianças antes, por períodos curtos, ao solucionar sequestros, devolvendo-as aos pais ansiosos. Cuidara de mulheres judiadas por estupradores. Mas seu comprometimento sempre fora de curto prazo, deixando atrás de si uma trilha de mortos.

Lembranças frias e letais o assolavam: homens mortos nas ruas, nos *saloons*, nas pradarias. Passara a vida procurando Fancy, sempre olhando por sobre o ombro à espera de quem ousaria construir uma reputação à sua custa.

Apenas dois dias antes completara trinta e seis anos, celebrando-o no lombo do cavalo e comendo feijões enlatados no jantar. Lamentava nunca ter plantado um jardim para uma amada; refletiu sobre as cartas de amor que sempre quis escrever... Mas era preciso ter alguém para quem escrevê-las, não? Foi então que recebeu a notícia de que Fancy estava viva no Barbary Coast, e a esperança o fez seguir até lá.

Fancy se fora, mas lhe deixou Garnet. Solomon descobriu as feições da irmã no rosto da menina. Lamentava a morte da irmã, silenciosamente amaldiçoando-se por não tê-la encontrado antes. Então uma visão o sobressaltou: uma Fancy jovem e despreocupada sorria com um buquê de flores silvestres de Montana em sua direção. Ele engoliu em seco e prometeu a Fancy que faria o melhor possível para Garnet. Ela teria a

melhor vida que ele pudesse lhe dar.

Garnet o encarou com olhos lacrimejantes, enquanto Solomon pagava o ministro no cemitério.

— Você matou minha mãe com aquele maldito sabonete — ela o acusou.

Eram as primeiras palavras que lhe dirigia depois de encontrá-lo no quarto da mãe. Furiosa com a perda da mãe, a garotinha gritava para ele:

— Acha que aquele padre sentiria falta do relógio? Por que me obrigou a devolvê-lo?

— Garnet, não haverá roubo nenhum diante do túmulo de sua mãe — Solomon disse com calma ao passar a mão pelo cabelo, sofrendo por causa de Fancy.

O alvorecer tocava a lápide de Fancy, e as rameiras soluçavam ao se afastar do cemitério, todas juntas, abraçadas, como pássaros estremecidos. Sabiam que seu fim seria o mesmo do de Fancy, morrendo em farrapos num quarto sujo, isso se tivessem sorte.

— Matou minha mãe com sabonete! — Garnet falou ainda mais alto ao se afastar de Solomon. — Vou embora agora. Tenho negócios para tratar... os meus percentuais. Vou saber cuidar de mim — disse um tanto incerta ao enxugar as lágrimas com o braço sujo.

Solomon sabia que deveria tocar nela de alguma forma... a fim de que ela soubesse que ele se importava.

Como? Como confortar uma garotinha que tinha acabado de perder a mãe? Para um homem que se resguardava, cuja proteção era seu silêncio e isolamento, expor-se para aquela pequena imagem de Fancy era o mesmo que tentar atravessar uma rocha. Solomon tentou se lembrar do que outros haviam feito em situações semelhantes. Ele, porém, era rude demais, vazio demais, e não conseguia encontrar o calor de que aquela menina precisava.

As flores permeadas com o orvalho da manhã balançaram com a brisa suave, e ele ouviu o som das gotas de água caindo das pétalas. Garnet era filha de Fancy, e ela precisava de qualquer coisa que ele conseguisse juntar em seu íntimo. Hesitou, depois apoiou a mão espalmada sobre a cabeça dela, sacudindo-a de leve.

Garnet aceitou o gesto e olhou para o túmulo da mãe.

— Saiu-se bem com a lápide e o ministro, senhor. Sei que deve ter custado uma fortuna para dar essa pedra e as flores para minha mãe. Você fez com que ela se fosse em grande estilo. Vou devolver o dinheiro assim que puder. Bem, acho que é melhor eu ir com as meninas, não

é? — perguntou com uma ponta de esperança. — Não fique imaginando coisas porque... Porque me segurou no seu colo quando eu chorei ontem à noite e que pode me afastar dos meus negócios... Você não ajudou muito e não disse as coisas que eu precisava ouvir. Acho que o irmão da minha mãe deveria saber como fazer meu coração se sentir melhor... Foi o que mamãe me disse: as pessoas devem sempre tentar fazer o coração dos outros se sentir melhor.

Solomon inalou o ar úmido da manhã e se agachou ao lado do túmulo da irmã. As delicadas flores azuis e amarelas estremeceram debaixo de sua palma.

Fancy adorava as margaridas silvestres que floresciam em março em Montana, e sabia como confortar corações. Ele a viu correndo pelas colinas ao redor de Fort Benton, colhendo flores e atirando frutos silvestres nele e em Ole. Os cabelos negros brilhavam sob o sol como as asas de um corvo, os olhos cintilavam com vida e desafio. O homem idoso ficava radiante, ele adorava Fancy, e amava “seus dois preciosos órfãos”.

No leito de morte, Ole deixou seu velho rancho para as crianças que amava: Fancy e Solomon.

Na época, Solomon só tinha dezesseis anos e estava pronto para abraçar o mundo quando Buck Knutson o convidou para trabalhar para ele.

Knutson. O nome açoitou Solomon, atingindo-o com a força do passado. Vinte anos antes, Solomon era um garoto selvagem, ávido, ansioso por conquistar uma reputação como o gatilho mais rápido. Buck Knutson prometeu tudo ao jovem Solomon, qualquer coisa contanto que gerasse um filho em sua jovem esposa, Blanche.

Cheio de orgulho, com uma dose da correção de sua mãe e com a censura de Ole em seu leito de morte, Solomon resistiu por dois anos. Mas então os modos elegantes e o corpo quente de Blanche Knutson o atraíram para a cama dela. Buck havia mentido sobre a idade da esposa; Blanche só tinha treze anos quando se casou, e quinze quando Solomon a levou para a cama.

No leito de morte, Fancy preencheu as lacunas que faltavam na história: o capataz de Buck, Duncan, seduziu Fancy quando ela tinha quinze anos por “ordem do patrão”. Knutson não queria que Fancy fizesse amizade com sua esposa de alto-escalão, por isso Duncan teria de mandá-la trabalhar em um bordel atrás do outro, bem longe de Montana.

— Duncan me contou que você tinha morrido — Fancy sussurrou.

O peito de Solomon se contraiu e ele esfregou uma antiga cicatriz

de bala que doía quando o tempo estava úmido. Invejoso de Solomon, Duncan se certificou que o jovem pistoleiro fosse atrás dele, à procura de Fancy.

As cicatrizes nos pulsos de Solomon e as marcas dos açoites nas costas eram a “assinatura” do trabalho de Duncan.

Solomon se ajoelhou para espalhar a terra fresca sobre o túmulo de Fancy. Duncan havia rido de como seduzira Fancy quando Solomon o enfrentara na rua naquele dia. Esse tinha sido o erro fatal de Duncan.

Solomon pegou a mão pequenina que se apoiava timidamente em seu ombro. Agora ele tinha Garnet, uma pestinha boca suja, cujo rosto imundo estava marcado pelas lágrimas derramadas pela perda da mãe.

O leve peso de Garnet se apoiou em seu corpo e Solomon procurou se fortalecer.

O que ele sabia sobre o afeto que uma menininha precisava? Ou sobre um lar e se assentar?

Contraíu os lábios, preparando-se para sua obrigação, como de costume. Havia feito uma promessa e a cumpriria da melhor maneira possível.

Solomon pensou no único lar que tivera na vida. Talvez o velho rancho de Ole ainda fosse seu.

— Nós vamos para onde eu e sua mãe crescemos, Garnet. Ela queria que você crescesse com muita luz e ar fresco. Um homem idoso nos deixou esse rancho, e acho que devemos nos assentar por lá. Você pode colher flores, como ela fez.

Será que o rancho de Ole estaria ainda por lá?

Ele avaliou o cabelo emaranhado de Garnet, o rosto sujo. Ela precisava de um banho urgente. Precisava de um toque feminino, a gentileza de uma mão de mulher...

O desconhecido toque gélido do medo o perpassou, medo de que não conseguisse dar conta da tarefa.

Havia gastado grande parte do seu dinheiro com o enterro de Fancy. Deixar Garnet aos cuidados de uma boa mulher, até que a mandasse buscar, custaria muito...

— Ela precisa de você, Solomon — Fancy havia sussurrado. — Minha garotinha precisa de você; não deixe que ninguém a tome de você. Ela é a melhor parte de mim...

Se ele não havia conseguido encontrar as palavras certas para dizer a Fancy no leito de morte, como poderia criar aquela miniatura da irmã? Ainda mais espevitada do jeito que a garota era...

Mas tentaria. Que Deus o ajudasse... Ele criaria a filha de Fancy da

melhor maneira possível.

— Gosto do Barbary. Gosto do cheiro de uísque e das iscas de peixe e de perfume forte — Garnet resmungou. — Não quero nenhum rancho de flores em Montana. Eu não. Quando eu crescer, vou ser carteadora numa mesa de faraó, ou de vinte-e-um, com saias escarlates. Há muitas oportunidades aqui no Barbary para garotas espertas como eu. Não quero saber de um rancho em Montana. Nada de vacas fedorentas.

Garnet remexia no medalhão minúsculo que Solomon lhe havia dado com as fotos dos pais dele. Ela o fitou cheia de incerteza.

— O cabelo da minha mãe era preto como o seu. Mas logo ficou branco — ela disse. — Acho que eu poderia cuidar de você assim como cuidei dela. Com certeza você não sabe nada sobre como tomar conta dos lucros.

Solomon olhou para a mãozinha enroscada em seus dedos calejados. Garnet o encarou e afastou uma mecha de cabelo emaranhado do rosto.

— Você tem filhos, Solomon? — perguntou, escorregando a língua no buraco do dente de leite que havia caído.

— Talvez — ele respondeu, percebendo que talvez tivesse um filho... o filho de Blanche.

Um filho. O garoto não podia ser de Buck Knutson.

O corpo jovem de Blanche, desesperado pelo seu sêmen, o apertara com tanta força... Buck havia jurado mandá-la de volta aos pais abusivos se ela fosse estéril.

Garnet assentiu com os olhos negros iguais aos de Fancy, sábios demais para tão pouca idade.

— Mamãe disse que alguns homens não sabem dos seus filhos. Alguns homens não se importam.

— Eu me importo — Solomon afirmou, sério.

— Já beijou o rosto de uma criança? — Garnet perguntou hesitante, os olhos cheios de lágrimas. Eles se abaixaram, fitando as flores sobre o túmulo da mãe. — Porque mamãe disse que beijos fazem o coração se sentir melhor, e agora o meu está doendo demais.

Capítulo I

Fort Benton, Montana, maio de 1881

— Mostre umas tacadas certas para nós, Cairo — Dud Harply disse em meio à multidão de homens que a cercava.

— Com prazer, rapazes — ela murmurou quando os homens se afastaram, abrindo caminho.

Sua velha amiga, sua sorte, a imensa mesa de bilhar de mogno esperava por ela no centro da sala de jogos bem decorada, o Palácio de Cairo. Ela relanceou para Harvey Murtle e sorriu langorosamente.

— Está com o dinheiro a postos, Harvey?

— Quem sabe eu não ganhe esta noite? — replicou ele, lascivo.

Cairo tocou no ombro rechonchudo com a ponta do leque.

— Pode ser.

Ela tiraria tudo o que ele tinha nos bolsos e entregaria à esposa. Da próxima vez que Pris Murtle aparecesse na porta dos fundos da casa de Cairo, uma esposa surrada precisando de cuidados, Cairo lhe entregaria todo o dinheiro de Harvey e a mandaria rio abaixo.

Cairo afastou a barra do elegante vestido azul das botas sujas de um homem e o fitou com uma carranca.

— O barbeiro fica do outro lado da rua. Lá poderá tomar um banho e se barbear, volte depois disso — ela murmurou de modo agradável.

Ergueu a cabeça majestosa, permitindo que as luzes dos candelabros iluminassem seus cabelos claros, e virou-se com um sorriso para os homens que tinham ido até lá para vê-la; Cairo Brown, a Rainha do Bilhar, atiradora traiçoeira, uma dama de muita classe.

Cairo tocou de leve a franja que cobria a fronte com a mão enluvada e vislumbrou seu império lucrativo criado com lances certos, charme, persistência e resolução. Ela lutou naquele mundo machista do bilhar e refinou sua reputação em torneios e disputas particulares. Eles já a deixavam em paz, exceto pelo ocasional jogo para testá-la. Os homens não podiam fazer apostas entre eles naquele estabelecimento; eles pagavam para entrar, comiam no restaurante, bebiam no bar, e jogavam em suas mesas. Eles pagavam para vê-la enfrentar os desafiantes.

O gelo sobre o rio Missouri acabara de derreter, permitindo o transporte de vestimentas feitas de búfalo e ouro, e os homens precisavam relaxar com o tipo de entretenimento que ela fornecia. E era deles... por um

preço.

O Palácio de Cairo estava lotado, homens bebiam no bar, saudando-a ao levantar os copos, outros jogavam cartas nas mesas, e outros ainda esperavam para que ela começasse a noite com suas conhecidas tacadas. O bar de cerejeira entalhada reluzia com as garrafas de bebida iluminadas pelos candelabros. O ar estava permeado pela fumaça dos charutos caros, pelo melhor uísque e cerveja, e pelo cheiro dos homens, de banho tomado e rostos refrescados com água de colônia.

Cairo deslizava em meio à multidão, retribuindo os cumprimentos com um sorriso leve bem treinado. Aqueles homens estavam ali para vê-la, e ela estava à altura do dinheiro deles, com suas sedas finas e anquinhas, um sorriso educado, um vislumbre de requinte na fronteira. Todas as noites, com exceção dos domingos.

Quigly movia-se a seu lado, imenso, negro e imaculado em seu terno de mordomo. Ele perscrutava os homens, à procura de algum indício de problema.

Murtle era conhecido por provocar discórdia fora do Palácio de Cairo. Ela permitia a sua entrada porque lhe arrancava o dinheiro com regularidade, e o usava para ajudar as crianças e mulheres que a procuravam em busca de auxílio. Enquanto os barcos a vapor aguardavam nos diques, o perigo espreitava as ruas e as tavernas da cidade aceitavam a balbúrdia, Cairo exigia elegância, boas maneiras e bolsos recheados.

Ela alisou a antiga mesa de bilhar, que dominava a elegantemente decorada sala de jogos. A madeira porosa italiana era ligeiramente áspera, o tecido belga que a recobria era macio e leve. Eram amigos de longa data, ela e a imensa mesa lustrada que era a sua fortuna. A estrutura de mogno escuro era macia debaixo de sua luva reluzente azul; sua habilidade a tiraria daquela cidade de fronteira às margens do Missouri e a levaria até a sociedade nova-iorquina e aos melhores torneios. Um triângulo de bolas vermelhas estava à sua espera sobre o tecido verde, com números entalhados em cada uma delas.

Cairo tocou na almofada de borracha que revestia a armação do tampo da mesa. Ela amava as pequenas bolas de celuloide e o som delas colidindo ou caindo nas caçapas de couro da mesa. Adorava os cliques das contas do marcador de pontos, pois o som significava uma vitória para ela e o dinheiro em sua conta bancária.

Ela aspirava o cheiro do dinheiro, espojava-se nele suntuosamente. Reconhecia a jogadora dentro de si, a excitação e a antecipação de um bom jogo percorrendo-a. Cairo amava o bilhar, o esporte e o desafio.

Cairo abanou o leque e avaliou os homens. Mulher prática, ela sabia

como se beneficiar da aparência, como acentuar os olhos castanhos, como alongar o rosto com um decote ousado. Os homens vinham para vê-la, para vislumbrar uma criatura de outro mundo, um mundo encantador, e enquanto eles a consumiam visualmente do alto das penas na cabeça até a ponta dos sapatos, ela recheava sua bolsa.

Cairo tinha pagado um preço alto pela sua habilidade, pelo Palácio, e nada a deteria.

Já estavam no fim de maio. No mês de maio do ano seguinte, ou quando o gelo no rio Missouri se partisse, ela empacotaria seus pertences, embarcaria num luxuoso barco a vapor e viajaria até St. Louis. Com mais um ano de trabalho engordando a bolsa, ela teria o necessário para ir para Nova York.

Lançou um sorriso reluzente ao redor do salão e notou os homens em busca de sua atenção. Inalou a fragrância dos charutos Sultana e Nabob servidos na casa. Ela era a melhor. Acreditava nisso e agia de acordo. Porque se não agisse assim, ninguém acreditaria nela.

— Boa noite, senhora. — Um caçador de lobos mostrou os dentes escurecidos num sorriso de admirador.

Ele arqueou o pescoço contra o colarinho branco e engomado que era obrigado a usar em seu estabelecimento.

Os criadores de gado precisavam de homens como aquele para manter o rebanho a salvo, mas não socializavam com eles. Os caçadores de lobos costumavam ficar em seus grupos, à semelhança dos animais que caçavam. Uma só palavra sua, e Quigly o expulsaria da casa.

— Boa noite, Jake — ela respondeu em seu tom macio e bem-treinado. — Fico contente que tenha podido vir hoje.

O caçador corou enquanto os olhos brilhavam ao relancear para as rosas de seda do corpete do vestido. Então Quigly se aproximou, um negro musculoso em sua gigantesca estatura de pouco mais de dois metros, e Jake clareou a garganta, afastando-se.

Cairo lentamente tirou as luvas longas de noite, inalou a luxuriante fragrância oriental, dobrou-as e entregou-as a Quigly. Em seguida deslizou um diamante do dedo e o depositou sobre as luvas.

Altivo, Quigly examinou o boá que partia do ombro até a cintura dela; instruíra-a especificamente para que não arruinasse o modelo pressionando-o demais contra a mesa. As rosas de seda francesa no corpete sussurravam ao encontro da madeira escura. Ele comprimiu os lábios, desdenhando a “mutilação de tão bela seda”. Cairo piscou em sua direção, mas ele se recusou a morder a isca, mantendo a cabeça erguida em direção à luz dos candelabros.

Suavemente, ela virou os ombros, permitindo que os homens vislumbrassem o longo arco alvo de seu pescoço e testemunhando a firmeza das mangas bufantes; Quigly a vestia com exatidão, permitindo que ela se movimentasse com facilidade.

Cairo relanceou os olhos para um pistoleiro alto que se apoiava no painel da parede, com os polegares enganchados no cinturão da pistola. Ele parecia atravessar uma maré de azar e se mantinha nas sombras, apenas observando-a. Ela já vira centenas de homens como aquele, com o mesmo ar de matador a envolvê-los.

Cairo respirou fundo, pegando a caixa de tacos das mãos de Quigly e depositando-a nas mãos de um ancião que a idolatrava. O velho mercador de peles, trajando um paletó largo demais e calças curtas, varria o Palácio, mantendo-o sempre limpo.

— Permita que eu admire sua beleza esta noite, senhora. Está linda demais, Cairo — Skinner disse num tom grave de um homem, cujas cordas vocais tinham sido certa vez parcialmente cortadas.

— Você também está muito bem — retrucou ela, deleitando-se com o rubor dele enquanto erguia duas peças de dentro da caixa. Skinner estava honrado, refletindo seu orgulho para os demais homens. Ela traçou as rosas gravadas no fim do taco, depois ergueu o cabo para ajustá-lo.

Cairo testou seu equilíbrio, deslizando pelo cabo de madreperla e pau-rosa como num toque de amante. Aquilo ela sabia fazer: jogar bilhar, encantar os homens a ponto de aticá-los a apostar... e perder.

Esfregou um pouco de giz na ponta do taco, tomando cuidado para não deixar cair pó sobre o forro da mesa. Quigly resmungava quando precisava limpá-lo, pois o pó poderia mudar a trajetória da bola. Quigly passou um pano na bola branca, tirando as impressões digitais dos homens, e olhou para a multidão com uma advertência no olhar.

Cairo realizou seu ritual com dedicação, concentrando-se no que precisava fazer, no toque do taco nas bolas. Passou os dedos sobre o cone de giz que Quigly segurava, certificando-se de não exagerar.

— Não use demais, menina. Mantenha o pó longe da mesa — Bernard Marchand a tinha instruído, anos atrás.

Bernard. Doce Bernard, com sua gravata, colete de seda e monóculo. O nobre inglês destituído que acabara enfrentando tempos difíceis.

Fascinados pela realeza, os vaqueiros glorificavam Bernard, e ele se aproveitava disso.

— Encante a multidão, menina. Depois pegue o dinheiro deles. — Ele a ensinou e a chamou de “talento natural”, pois enfrentava os desafios e aceitava o romance do jogo.